

A EDUCAÇÃO POPULAR NA GESTÃO DE ÁREAS PROTEGIDAS DA AMAZÔNIA

VASCONCELOS, Valéria Oliveira de – UNIUBE - valvasc2003@yahoo.com.br

SIQUEIRA, Cristiano Tierno de – ISA - cristianotierno@socioambiental.org

ET: Educação Popular, Diversidade Cultural e Construção de Saberes / n.º 03

Agência Financiadora: FAPEMIG

Palavras-chave: Educação Popular. Populações tradicionais. Histórias de vida.

1. INTRODUÇÃO

A Terra do Meio localiza-se no centro do estado do Pará - no interflúvio do rio Xingu e seu afluente Iriri - e abrange cerca de oito milhões de hectares de áreas protegidas, incluindo as Reservas Extrativistas (Resex) do Rio Iriri, do Riozinho do Anfrísio, e do Rio Xingu, a Área de Proteção Ambiental Triunfo do Xingu, a Estação Ecológica da Terra do Meio, o Parque Nacional da Serra do Pardo e as Terras Indígenas Cachoeira Seca, Xypaia, Curuaia e Araweté.

Por sua magnitude e riqueza social e ambiental, a Terra do Meio representa uma das áreas mais importantes da Amazônia, quer em relação à necessária proteção de sua sociobiodiversidade, quer pelos conflitos fundiários e pressões sofridas em virtude dessa mesma riqueza.

A população tradicional moradora das três Resex em questão, não diferente da maioria das outras da região amazônica, sofre historicamente com perversos mecanismos de exclusão social, como alertamos em outros escritos:

A exclusão social não se define somente em termos econômicos. Quando os sujeitos não são ouvidos, quando não lhes é dada a oportunidade de expressar seus desejos e anseios, quando lhes são negados direitos fundamentais, estão, igualmente, alijados e impedidos de se reconhecerem como sujeitos. Se, ademais, essas pessoas fazem parte de grupos tradicionais, que vivem em contextos isolados e de difícil acesso, sua exclusão fica ainda mais facilitada por parte do sistema que as oprime (VASCONCELOS et. al., 2010, p.63).

Por esse motivo, consideramos que iniciativas que tenham como horizonte o fortalecimento dessas populações, em propostas de formação comprometidas com a

transformação social, são de fundamental importância para desenvolvimento local de UCs como as Resex.

As experiências de que tratamos nesse artigo se desenvolveram no decorrer do primeiro módulo do curso de *formação em Gestão Territorial nas Resex da Terra do Meio*, cujo objetivo foi o de propor *ações de ensino-aprendizagem das histórias de migração, de ocupação da região amazônica e do município de Altamira*” (ISA, 2011)¹. Os 36 participantes desse curso foram escolhidos pelo moradores das Resex, em parceria com a coordenação, a partir do questionamento de quais seriam as pessoas que melhor contribuiriam com a orientação das famílias no acesso a seus direitos.

2. OBJETIVOS

O objetivo do presente trabalho é, portanto, o de relatar o processo de formação em Gestão Territorial para Extrativistas das Resex da Terra do Meio, circunscrito em um projeto de pesquisa apoiado pela FAPEMIG sob o título de: Educação e Cultura de populações ribeirinhas da Amazônia cantadas em verso e prosa. A partir da socialização da metodologia desenvolvida – pautada na Educação Popular – e das histórias rememoradas pelos participantes sobre sua conformação social, pretende-se compartilhar estratégias dialógicas de fortalecimento comunitário e desenvolvimento local em Reservas Extrativistas.

3. METODOLOGIA

Grosso modo, os objetivos do primeiro módulo do curso foram o de rememorar e intercambiar com os participantes alguns momentos históricos que refletissem os movimentos migratórios mais significativos de ocupação da Amazônia, convergindo para a Terra do Meio. Para a consecução dos objetivos propostos foi realizado, inicialmente, um rápido trajeto pela “linha do tempo” da região, desde antes da invasão colonizadora dos portugueses, até os dias atuais. A partir desse recorrido, o módulo foi desenvolvido em quatro blocos, quais sejam:

- 1) História de *nossa cultura*: nesse tema gerador buscou-se problematizar sobre o encontro de diferentes culturas na Amazônia;

¹ A equipe de profissionais foi composta por: Marcelo Salazar e Cristiano Siqueira - coordenadores/ISA, Valéria Vasconcelos (UNIUBE), Raquel Lopes (UFPA) e Raquel Santos – consultoras; Cleber Silva (técnico de campo – Fundação Viver, Preservar, Produzir/FVVP); Márcio Souza (técnico de campo – ISA); Antonia Martins (coordenadora pedagógica – FVVP) e Juciel (suporte logístico /FVVP).

- 2) Movimentos da História: com esse tema pretendeu-se compartilhar os momentos mais significativos que refletissem os principais movimentos migratórios para a Amazônia;
- 3) Histórias em Movimento: esse tema objetivou ilustrar histórias, motivações, e dificuldades de pessoas que saíram de suas regiões de origem rumo à Amazônia;
- 4) Histórias em *Movimentos*: nessa temática vislumbraram-se breves discussões sobre os movimentos sociais e suas lutas, até culminar na política de criação das Resex.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado (Paulo Freire, 2001)

As reflexões durante as atividades do módulo foram conduzidas de forma que os temas “história” e “memória” fossem emergindo como elementos fundamentais da cultura.

A partir de questões geradoras – o que é História? O que pode ensinar a História? Qual a importância da História? Entre outras – os participantes foram refletindo sobre o que os aproxima e o que os distancia, o que os diferencia, o que os marca, o que os humaniza, enfim, o que conforma *sua* cultura. Os integrantes do curso foram tecendo seus signos, sentidos e significados a partir de experiências vividas/rememoradas nos diferentes momentos de sua história e de seus antepassados, circunscritas em espaços geográficos concretos.

Nesse processo de rememorar a História de migração e ocupação territorial, procurou-se compreender com os distintos atores envolvidos as relações de dominação ocorridas no Brasil e em suas próprias vidas. Com isso, parafraseando Paulo Freire (1987), objetivava-se que cada pessoa fosse tomando *consciência de testemunha de uma história de que se sabe autor. Na medida em que se apercebe como testemunha de sua história, sua consciência se faz reflexivamente mais responsável dessa história* (p.7)

No desenvolvimento do trabalho foram trazidas à discussão várias questões relacionadas aos deslocamentos humanos – dando ênfase à desconstrução do fenômeno da migração como ato passivo de quem a pratica -, à miscigenação

decorrente dessas migrações e ao fato de a História poder ser contada de diversas maneiras.

Um dos pilares estruturais do curso foi o de ressaltar a *história como possibilidade*, como tão bem ressalta Freire (2001). De acordo com esse autor, para superar-se o senso comum faz-se necessária uma outra compreensão da História:

Implica entendê-la e vivê-la, sobretudo vivê-la, como tempo de possibilidade, o que significa a recusa a qualquer explicação determinista, fatalista da História. Nem o fatalismo que entende o futuro como a repetição quase inalterada do presente nem o fatalismo que percebe o futuro como algo pré-dado. Mas o tempo histórico sendo feito por nós e refazendo-nos enquanto fazedores dele (p.17)

De maneira articulada, foram problematizados os *movimentos da História* e as *histórias em movimento*, ou seja, resgatando a reflexão sobre a *História que os fez e refez* (Freire, 1989) a partir dos movimentos migratórios de seus antepassados. Nessa perspectiva, também nos auxilia Isabel Cristina Martins Guillen (2001), quando afirma que:

Migrar é, em última instância, dizer não à situação em que se vive, é pegar o destino com as próprias mãos, resgatar sonhos e esperanças de vida melhor ou mesmo diferente. O problema está no fato de que numa vasta produção discursiva, retirou-se do migrante a sua condição de sujeito, como se migrar não fosse uma escolha, como se ele não tivesse vontade própria. Migrar pode ser entendido como estratégia não só para minimizar as penúrias do cotidiano, mas também para buscar um lugar social onde se possa driblar a exclusão pretendida pelas elites brasileiras através de seus projetos modernizantes.

O último *fio da meada*, tecido a várias mãos, teve sua trama cerzida a partir de reflexões sobre os encontros com atores numa época mais recente: fazendeiros, grileiros, regatões, madeireiros, garimpeiros, entre outros. Processos de dominação, opressão e principalmente de resistência emergiram das falas e memórias, resultando em uma *colcha de retalhos* ainda não muito bem alinhavada. Muitas reflexões e aprofundamentos ainda se fazem necessários.

5. CONCLUSÕES

Ademais de trazer à reflexão a *História como possibilidade*, e de investir no diálogo e troca de experiências como formas de construção do conhecimento, instigou-se também durante o desenvolvimento desse módulo do curso, que os participantes se apropriassem de metodologias participativas de formação e gestão. A gestão também como possibilidade democrática e emancipadora, pautada no

profundo conhecimento de sua realidade, de suas demandas e de seu papel de sujeito de sua própria história. Um primeiro desafio foi lançado, dentre muitos outros a serem enfrentados, que foi ilustrado na fala de um dos participantes:

Todos aqui vão carregar a responsabilidade de ensinar para os outros.

6. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins Guillen. Seca e migração no nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. **Fundação Joaquim Nabuco**. Textos para discussão n.11/2001. Agosto 2001. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/111.html> Acesso em 21 set. 2011.

VASCONCELOS, V. O., Siqueira, C.T., SANTOS, R., SALAZAR, M., STRAATMANN, J., NEVES, L., REIS, A., CAMPOS, P. G. Educação Popular e Meio Ambiente: Diálogos com Populações Tradicionais Amazônicas. **Ambiente & Educação** (FURG), v.15, p.47–66, 2010. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/ambeduc/issue/view/220/showToc> acesso em 21 set. 2011.